

entre textos

entre textos

34

LEITURA(S) E TRADUTIBILIDADE: A BIBLIOTECA
BORGEANA

Maria Otilia Pereira Lage

& Mestrandos (as) da 1ª edição do Mestrado “Educação e Biblioteca

Janeiro de 2011

UNIVERSIDADE LUSÓFONA
| Instituto de Ciências da Educação



Maria Otília Pereira Lage

& Mestrandos (as) da 1ª edição do Mestrado “Educação e Bibliotecas”

Investigadores da ULP

LEITURA(S) E TRADUTIBILIDADE: A BIBLIOTECA BORGEANA

Resumo

Trabalho colectivo de debate sobre dinamização da leitura, no âmbito de disciplina de um curso de Mestrado, este artigo configura-se basicamente como uma leitura plural e prismática resultante de um workshop sobre o emblemático conto “A Biblioteca de Babel” de Jorge Luís Borges (1893-1986), o maior poeta argentino, clássico da literatura mundial. Trata-se de uma reflexão crítica informada pela análise documental e literária, sobre leitura(s) enquanto prática cultural imediata, resultado, universalmente, partilhado da aprendizagem escolar, o moderno conceito de tradutibilidade, paradigmas de biblioteca e bibliotecário, aprendizagem e investigação colaborativa no ensino superior.

Palavras – chave: biblioteca; leituras; investigação; literatura.

Abstract

READING (S) and translatability: THE LIBRARY Borges

Collective work of stimulating debate on the reading under the discipline of a master's course, this article is configured primarily as a reading and plural prismatic result of a workshop on the emblematic story "The Library of Babel" by Jorge Luis Borges (1893-1986), the largest Argentine poet, classic of world literature. This is a critical reflection

informed by documentary analysis and literature on reading (s) as a cultural practice immediate result, universally shared learning at school, the modern concept of translatability, paradigms of library and librarian, learning and collaborative research in education.

Keywords: library; lectures; research; literature.

“...pode-se afirmar também que cada releitura de um livro e cada lembrança dessa releitura renovam o texto” (Borges, 1980, p. 264)

“Ler e reler, reconhecer e compreender: reler tantas vezes quantas forem necessárias para compreender tudo, porque tudo pode ser compreendido” (Barthes, 1977, p. 35)

“Com o que li, com o que aprendi ainda me não enfadei” (Sá de Miranda, ed. 1885, p. 224)

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de um trabalho colectivo¹ de reflexão crítica e debate sobre dinamização da leitura, no âmbito da disciplina de Animação de Bibliotecas e Promoção da Leitura da 1ª edição do Mestrado de Educação e Bibliotecas inserido na linha de investigação *Estudos transversais em Educação, Informação e Cultura*, do Grupo de Investigação em Ciências da Educação e Informação “GICEI” do Centro de Investigação em Educação da Universidade Lusófona do Porto.

Configura-se basicamente como uma leitura plural, polifacetada, realizada num workshop sobre o emblemático conto “A Biblioteca de Babel” de Jorge Luís Borges (1893-1986), o maior poeta argentino, também bibliotecário e amante da leitura enciclopedista, colhido pela cegueira física.

Poucos escritores no século XX construíram uma biblioteca de indecíveis (no sentido de Derrida) com tanta originalidade quanto Borges, considerado por muitos, como o mestre do realismo fantástico, do labirinto e dos paradoxos e reconhecido mundialmente pelos seus contos e ensaios, em que sobressai uma intrincada trama de carácter ficcional e uma intratextualidade atravessada de citações (in)directas, de alusões mitológicas e bíblicas, referências históricas, filosóficas, literárias, matemáticas, teológicas e

¹ Docente (Maria Otília Pereira Lage) e mestrandos (as) da 1ª edição do Mestrado “Educação e Bibliotecas”: Ana Maria de Sousa Botelho Garrido; Carla da Conceição Gonçalves Lopes, Catarina Raquel Sampaio Loio, Isabel Andrade Azenha, Maria de Fátima Fernandes da Costa Rego, Martins, Maria Irene Coelho Pinto Loureiro, Paulo Boaventura da Rocha Moreira, Pedro Manuel da Silva Ribeiro Cardona, Rui Manuel de Almeida Festa, Susana Maria dos Santos R. da Cruz, Jennifer Alejandra Sérgio da Silva, Ana Maria Balacó Guimarães Parracho e Liliana Isabel da Silva Pinto.

paráfrases de seus próprios textos ou de escritores imaginários sobre que também escreveu com base em fontes e arquivos inexistentes, assim anulando fronteiras entre sonho e realidade, numa multiplicação de fantasmagorias presentes na sua Biblioteca universal, ilimitada e infinita.

As acepções das epígrafes iniciais vêm investidas do poder das bibliotecas, dos livros e das leituras, estimulando releituras polifacetadas e a reatualização incessante, em diversos sentidos, da memória, realidade e imaginação, dos catálogos e bibliotecários, tudo em seu conjunto tomado como uma rede sideral de espelhos e labirintos em que laboram constantemente discursos e representações. Essas 3 bibliotecas metafóricas, formas distintas mas semelhantes de ler, em Borges, Barthes e Sá de Miranda, configuram-se como actividades humanas, outros tantos desafios e metas educativas essenciais: pensar, falar, ouvir, escrever, ler, interpretar – reter e recolher o texto, dele tomando posse pela leitura-escrita, capital cultural e escolar que se imbricam.

Efectivamente, “lê-se em conjunto e percebe-se que todas as bibliotecas íntimas (o que lemos, aprendemos, formam uma espécie de biblioteca de cada um de nós!) têm uma zona de intersecção” sempre perseguida pelos bibliotecários, educadores no oposto do *magister dixit*, caminhantes pelas veredas dos jardins da informação e do conhecimento que sem cessar se bifurcam.

Através dessa rede de leituras individuais e distintas mas com pontos de intersecção e convergência, que constituem a parte mais substancial e empírica deste artigo, que designamos *um texto é composto de vozes* (Barthes, 1973) somos colocados em presença de noções tributárias da metafísica ocidental tais como realidade, tempo, espaço, verdade e memória, universo e infinito, as quais são profundamente desestabilizadas pela textualidade (Guimarães, 2008, pp. 97-109) de Jorge Luís Borges que produz um texto “clássico”, “bem escrito”, impecavelmente encadeado, em que o quotidiano se mistura com a dimensão fantástica e a ficcionalidade se enleia no verosímil.

Nessa medida, este texto que, evocando Derrida, subintitulamos *biblioteca borgeana de indecidíveis*, reenvia para um espaço de ensino e investigação na universidade que ao aspirar à universalidade do conhecimento se defronta com a aporia da intraduzibilidade

e só a partir desse limite em que o caminho se faz caminhando, cumpre o seu papel social intransponível.

O debate suscitado pela leitura prismática e respectivas representações desta “Biblioteca”, meio de ensino-aprendizagem sobre animação da leitura e de bibliotecas assente em investigação autónoma e individual, convergiu para uma panorâmica reflexiva sobre educação e investigação no ensino superior no contexto das novas tecnologias da informação e comunicação e seu impacto num novo modelo de biblioteca e de bibliotecário no mundo digital, tópicos que se discutem, abreviadamente, na segunda parte deste artigo.

1. LEITURA PLURAL E POLIFACETADA

O universo (a que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, cercados por parapeitos baixíssimos” (Borges, 1941, p. 483)

Assim se inicia o conto em análise “A Biblioteca de Babel”.

As aporias desta Biblioteca constituem-se em refinadas desestabilizações de um paradigma hegemónico no Ocidente, como as noções em que usualmente se apoia a metafísica: realidade, tempo, espaço, verdade e memória (Guimarães, 2008, pp. 97-109).

Ao contrário de Derrida, que desconstruiu como nenhum outro, palavras ou conceitos canónicos do pensamento logocêntrico, Borges desloca todo o bloco do pensamento lógico abalando, através de paradoxos e outros artifícios, pilares básicos da estrutura da racionalidade. Não usa a dúvida como método de investigação para atingir a verdade, tal como Descartes, mas insere-a, com a certeza, no campo ficcional: “Sonhei a dúvida e a certeza”. Assim como fez Derrida com a *différance*, que sustenta a ausência e a presença em seu processo de *diferencialidade*, Borges alicerça o pensamento do *logos* numa base de simulacro, em que o onírico e o real se apoiam na ludicidade do jogo que esbate a linha de fronteira entre realidade e ficção. Talvez por isso, o duplo próprio do espelho seja uma das marcas recorrentes nos contos borgeanos que se inserem, muitas vezes, num tipo de lógica dúplice (Guimarães, 2008, pp. 97-109).

Jorge Luís Borges, para quem a filosofia e a teologia são duas espécies da literatura fantástica, convoca outro de seus temas recorrentes, a memória, simulando astuciosamente pequenas incertezas em que a memória não é precisa e o esquecimento se torna inventivo. A memória está em contacto directo com a realidade da percepção objectiva e de sua retenção. A ironia borgeana leva ao limite uma representação realista do mundo apoiada num código único em que cada palavra ou imagem corresponde a um objecto ou situação específica.

Borges não só imprimiu sua marca de *indecidibilidade* em temas clássicos, como tempo, espaço, memória e a noção do eu, como também criou um labirinto de paradoxos incomuns e lúdicos. As desconstruções borgeanas, muitas vezes, são falsos paradoxos, especulações desconcertantes sobre a linguagem, mas outras vezes, revestem-se de uma complexa teia de impossibilidades lógicas assentes em oposições binárias da metafísica.

“A Biblioteca de Babel”, por exemplo, agrega em menos de sete páginas uma refinada trama de paradoxos e especulações inusitadas. Comparada ao universo, ela é formada por “um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais”. Os bibliotecários nascem, vivem e morrem sem sair da Biblioteca, imersos em buscas infindas e obsessivas de referências, como o “catálogo dos catálogos”, livros de profecias, livros com soluções para todos os problemas pessoais e mundiais. Quanto aos livros, variam imensamente, desde o puro contra-senso, passando pelos enigmáticos (que repetem três letras da primeira à última linha) até aos livros de apologias.

Num outro conto de Borges, *El Aleph*, escrito em 1949, uma personagem masculina, nas horas vagas do seu cargo subalterno numa biblioteca sem leitores, trabalha num inconcebível projecto de escrever o poema *La Tierra*, onde fique descrito pormenorizadamente o planeta. Para isso, possui na cave um Aleph: uma pequena esfera furta-cores, de dois ou três centímetros, que projecta um brilho quase intolerável. Quem olhar pelo Aleph consegue vislumbrar, sem os confundir, todos os lugares do mundo, vistos de todos os ângulos, encarados de todas as perspectivas. Memorável alegoria que tem por cenário a biblioteca e quem nela trabalha onde visionariamente se pode imaginar a Internet.

Existem alguns axiomas que dizem respeito à Biblioteca de Babel:

1) ela sempre existiu; 2) o número de símbolos ortográficos é vinte e cinco (o ponto, a vírgula, o espaço e as vinte e duas letras do alfabeto); 3) um único volume não possibilita as muitas operações com a linguagem presentes na Biblioteca, tais como: não há dois livros idênticos, embora existam centenas de milhares de fac-símiles imperfeitos; 4) tudo que é dado a expressar, em todos os idiomas, está contido nos volumes da Biblioteca; existem milhares de catálogos falsos que remetem para o livro dos livros, o catálogo geral; 5) cada livro tem uma versão em todas as línguas; 6) e assim sucessivamente.

No final do conto conclui-se: “Se um eterno viajante a atravessasse comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem). Minha solidão alegre-se com essa elegante esperança”

Vê-se, de passagem, como o narrador, qual feiticeiro, ordena a desordem por um artifício de retórica, efectua uma passagem rápida da suprema indeterminação para o extremo determinado: o apelo à repetição, a necessidade de fixar o caos para imobilizar a disseminação do sentido.

2. UM TEXTO TECIDO DE VOZES

“...Há quinhentos anos, o chefe de um hexágono superior deu com um livro tão confuso como os outros, mas que tinha quase duas folhas de linhas homogêneas. Mostrou o seu achado a um decifrador ambulante, que lhe disse que estavam redigidas em português; outros disseram-lhe que era iídiche. Em menos de um século conseguiu-se estabelecer o idioma clássico...” (Borges, 1941, p. 485).

Na escrita desta enigmática “Biblioteca de Babel”, novamente invocada na epígrafe, a provável ascendência portuguesa e judaica de seu autor, descendente de avós transmontanos oriundos de Moncorvo e ao tempo, bibliotecário de profissão?!

Talvez indagar - dispositivo intrínseco ao ensinar-aprender-investigar - desafio assumido, seja mais uma *peça* do silêncio inerente ao acto de ler que invariavelmente abre para inúmeras referências biográficas, culturais, científicas, e diversificadas perspectivas, múltiplos pontos de vista:

- **Leitura nº 1 – ...universo e eternidade futura, a biblioteca equivalente a uma grande complexidade, perdurará...**²

“A BIBLIOTECA de BABEL - sugeriu-me a ideia de que o autor compara a Biblioteca a um Universo que é interminável.

O ser humano vai desaparecendo, mas a Biblioteca perdurará, mesmo sendo encarada de formas diferentes, iluminada, solitária, infinita, inútil, secreta, etc.

A biblioteca é de tal forma “Enorme” que toda a redução de origem humana se torna infinitésima.

O autor designa Biblioteca como um universo e o espaço físico é associado a um hexágono com múltiplas galerias hexagonais, equivalendo a uma grande complexidade, (livros, autores, ideias). Borges leva-nos também a pensar na evolução da Biblioteca até à actualidade. A Biblioteca não morre mas vai sofrendo alterações para estar sempre actualizada... É uma fonte de informação em todos os tempos.

Faz-nos pensar na relação entre o Divino e o ser humano. A Biblioteca é a eternidade futura do mundo enquanto o Homem é o imperfeito Bibliotecário.”

- **Leitura nº 2 – ...espelho colorido, ordem e enovelamento, infinitude, auto-conhecimento, biblioteca e tomada de consciência...**³



Representação gráfica do conto “Biblioteca de Babel”, de Jorge Luís Borges

“Uma biblioteca que se compõe de um número infinito de galerias hexagonais, conseguindo-se ver de qualquer hexágono os pisos inferiores e superiores.

Uma imagem espelhada, porque o espelho é o símbolo da revelação, da aparição, da tomada de consciência, do auto-conhecimento.

Que tomada de consciência?

² MIL

³ CL

A tomada de consciência de que o acervo de uma biblioteca é infinito, de que o livro que sempre quisemos ler está lá (logo, o mundo é biblioteca), mas a probabilidade de o encontrarmos pode andar “à volta do zero”. Somos travados pelo conhecimento do que conseguimos ver.

As salas hexagonais representam, por agora, a inteligência e a universalidade; o passado, presente e futuro, representado pelo número 3, sendo o 6 o dobro do 3. Se o triângulo virado para um dos lados pode representar o princípio masculino e o virado para o outro o feminino, então estas formas simétricas remete para a necessidade de “Ordem”, de união, de equilíbrio, de harmonia representada no rectângulo que surge no meio deles, sendo este o equilíbrio dos opostos. Assim sendo, à inteligência e universalidade, acrescentamos união, equilíbrio, harmonia, perfeição como símbolos da forma hexagonal das salas.

O enovelamento da imagem representa o conjunto de linguagens que vigoram no mundo e, conseqüentemente, nos textos. Tal como referiu Roland Barthes, “Um texto é um tecido de vozes.” Procura-se, então, uma mão, alguém que procure decifrar as mensagens contidas nos misteriosos volumes, que procure encontrar a “Ordem”, como elemento regulador da infinitude, representada pela direcção da seta.

Vejamos, ainda, que a cor da seta é branca o que simboliza o absoluto, a perfeição. Ter consciência desse absoluto ou de que o caminho se faz para a totalidade, é contentarmo-nos com a perfeição dos pequenos achados, de tesouros, de pedaços significativos desse todo na construção do conhecimento privado.

Não posso, descurar as restantes cores: sendo o vermelho a cor da vida; o azul, a cor da reflexão, do intelecto, do infinito; o castanho, a cor da terra; o cor-de-laranja, a cor do esplendor e o amarelo a cor da luz, da sabedoria e do bom senso, fica, a meu ver, patente que essa busca de “Ordem” se deve fazer de forma hexagonal, ou seja, com inteligência e equilíbrio.”

- **Leitura nº 3 – ... todos os livros possíveis e imaginários e mistérios da humanidade, a decifrar nos hexágonos infinitos da biblioteca⁴**

“O conto retrata uma realidade em que o mundo é formado por uma biblioteca considerada interminável, sem fim, obrigando a uma infinidade de livros. O seu narrador, um dos muitos bibliotecários, considera que esta biblioteca tem todos os livros, com todas as possibilidades da realidade. Alguns não fazem o menor sentido, ou o fazem numa língua há muito desconhecida. Neste conto confunde-se a literatura e o mundo onde ler um texto é tentar decifrá-lo. Procura-se constantemente alguém que saiba decifrar as mensagens contidas nos textos dos misteriosos volumes e que seria o correspondente a um Deus.

⁴ MFF CRM

Para ele apenas o impossível está excluído, pois considera as bibliotecas como o “universo”, capazes de abarcarem todo o conhecimento possível. Considera ainda, que a biblioteca é apenas formada por galerias hexagonais idênticas, regulares que se interligam por vestíbulos e escadas e onde existem estantes cheias de todos os livros possíveis e imaginários e onde cada um deles contém a solução de um problema ou o esclarecimento dos mistérios da humanidade.

Ao ler o conto fiquei com a sensação que eu própria estava a percorrer os hexágonos infinitos da biblioteca.”

- **Leitura nº 4 – ... colmeia, rede, a biblioteca como universo de diferentes linguagens, guardiã do conhecimento e do saber...**⁵

“A Biblioteca de Babel, descrita alegoricamente pelo bibliotecário e escritor argentino José Luís Borges, fez-me idealizar um espaço com características semelhantes ao de uma colmeia, sendo os bibliotecários uma espécie de abelhinhas, organizadas e com funções definidas.



A forma hexagonal das estantes e das salas, em número indefinido, num espaço indeterminável, repleto de vãos, escadas e latrinas, remete-nos para uma organização aparentemente perfeita e equilibrada, em que há economia e aproveitamento do espaço. Porém, os livros desta biblioteca, apesar de serem uniformes, quanto à forma e ao tamanho, não apresentam uma ordenação e organização temática. Abordam assuntos diversos, nas mais diversas línguas, e alguns chegam mesmo a ser ininteligíveis. Cada livro é único e distinto. A organização temática dos livros nas estantes é irrelevante, existindo catálogos mas que são insignificantes.

Para o autor, a Biblioteca é um universo repleto de diferentes linguagens, que existe e durará ad aeterno, sendo guardiã do conhecimento e do saber. Daí que haja uma perseguição histórica aos livros e às bibliotecas, por reunirem informações, por vezes, ameaçadoras. A plurissignificação, a subjectividade e os conteúdos implícitos tornam-se um periclitio. Outra leitura metafórica feita pelo autor é considerar os livros como deuses, poderosos, onnipotentes mas inatingíveis.

Nesta ficção, o homem é um imperfeito bibliotecário que vive angustiado e afectado por um ambiente enigmático e nebuloso, numa busca incessante e constante pela perfeição. Muitos

⁵ JS

homens acabam mesmo por pôr termo à vida, por não conseguirem decifrar conteúdos incompreensíveis dos livros.

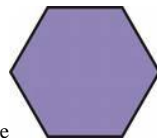
Atribuir um significado coerente do que se lê é uma constante preocupação humana. É importante que o bibliotecário conheça as obras da sua biblioteca, mas não de uma forma obsessiva, pois a biblioteca é um organismo vivo, em constante crescimento e mutação, sendo a tarefa do bibliotecário infundável. Na biblioteca de Babel, o bibliotecário é visto como um guardião e orientador, não como um pesquisador.

Pode este conto metafísico ser visto como uma alegoria do universo humano, sendo a biblioteca um espaço habitável e cada livro representaria a individualidade humana.

Preconiza, a WEB, conhecimento e sociedade em rede (a própria imagem de rede reúne um conjunto de hexágonos).”



Imagem de uma rede



Na base do hexágono, a figura do bibliotecário

- **Leitura nº 5 – ...labirinto, espelho, universo e ordem perfeita, um tempo sem tempo, conteúdos indecifráveis, paradoxo...**⁶

“A leitura do conto ‘A Biblioteca de Babel’ introduz-nos numa (i)realidade que de tão labiríntica e densa nos faz emergir num clima de inquietude que chega a ser avassaladora pela intensidade dos sentimentos que desperta. Do texto imana a profunda solidão, a ausência de privacidade, o sentimento de extrema pequenez, uma intensa angústia despertada por uma busca de sentido e de conhecimento, que de tão inacessível para o comum dos mortais, leva, por vezes, à loucura e mesmo fuga à própria vida.

Logo no início, Jorge Luís Borges diz-nos que esta Biblioteca de Babel não é uma qualquer biblioteca. É a Biblioteca das bibliotecas sendo esta a (sua) representação do Universo. A imagem que nos dá desta Biblioteca/Universo é a de absoluta perfeição. A forma por si escolhida - hexágonos múltiplos, contínuos, de encaixe perfeito, sempre iguais, de repetição ilimitada - encerram um Tempo sem Tempo. Passado, Presente, Futuro ligados num espaço infinito que perdura para além da existência humana. Construção tão perfeita que, segundo o autor, só pode ser obra de um deus.

⁶ IA

A meio do conto, Jorge Luís Borges posiciona o Homem, o imperfeito bibliotecário, que ao longo dos séculos faz habitar (e por vezes arriscar atravessar) o labirinto interminável da Biblioteca que luz e espelhos complexificam exponencialmente. Ao bibliotecário, (esse ser imperfeito no seio da perfeição) desde o início dos séculos até ao final dos dias atribui a guarda de salas, de estantes, de prateleiras, de livros, do Conhecimento. Tarefa difícil, dificuldade das dificuldades! Do número infinito de livros que faz rodear o bibliotecário, de todos os que integram essa imensa Biblioteca, não se conhece Catálogo. Tão pouco a análise livro a livro é apresentada como profícua! Os conteúdos são tidos como indecifráveis. A Ordem paradoxalmente é apresentada como incompreensível, como uma verdadeira Torre de Babel. Apenas de quando em vez um pequeno trecho de um livro entre o número ilimitado de livros é descodificado!

Ainda que a Ordem Perfeita, a Perfeição Absoluta, o Conhecimento Total não sejam acessíveis a um qualquer Ser Humano por muito pequenos que sejam os avanços na aproximação a essa Ordem e a esse Conhecimento a percepção final retirada do texto é que ao papel dos Bibliotecários do mundo é atribuído sentido sem porém deixar de se considerar que a Biblioteca (Universo) perdurará indefinidamente, independentemente e muito para além de qualquer Bibliotecário (espécie humana).”

- **Leitura nº 6 – ...todas as possibilidades...a biblioteca, espaço infinito a descodificar onde o leitor é incapaz de conhecer toda a realidade, anacronicamente alusiva à Internet...alegoria em que literatura e realidade se confundem...** ⁷

“A Biblioteca de Babel é uma Biblioteca onde os recursos parecem ser infindáveis, existindo uma imensidão de livros. Os volumes da biblioteca contêm todas as possibilidades do que possa ser a realidade e para além da realidade. Alguns livros podem não fazer o menor sentido, mas o importante é a busca constante da descodificação das mensagens contidas nos volumes.

Parece-me que uma das interpretações ou análises a fazer deste conto é que se trata de uma alegoria em que mundo e literatura se confundem. Quando lemos um texto procuramos descodificar a mensagem, mas se considerarmos que o próprio mundo está interligado com a linguagem, a realidade pode ser muito mais complexa e a biblioteca considerada um espaço composto por livros onde há textos para serem descodificados. A Biblioteca é um universo sem fim, na teoria de Jorge Luís Borges e onde o leitor, por melhor que seja, será incapaz de conhecer toda a realidade por mais que passe a vida inteira ligado a livros.

⁷ PM C

Graficamente, a Biblioteca de Babel está dividida por zonas bastantes distintas e identificadas. É um espaço infinito de livros distribuídos por prateleiras, estantes, salas e andares que contêm todas as combinações possíveis de letras nas suas páginas e onde todas as obras imagináveis e inimagináveis estão arquivadas.

É inevitável confundir-se e comparar-se a Internet com a biblioteca delineada por Jorge Luís Borges. Existe um número infindável de documentos online e são acrescidos a cada momento. Recuperar aqueles que nos interessam entre tudo o que existe, reconhecer o que é relevante e o que é descartável, o que é verdadeiro e o que não é, torna-se um caso difícil e muito moroso, senão um achado.

No entanto, há uma diferença abismal e significativa entre os dois. A esmagadora maioria dos documentos colocados na Internet não obedecem a nenhuma classificação, onde as obras são catalogadas por assunto, num determinado código. A disponibilização de documentos ainda é feita, em geral, por pessoas que não são profissionais da área de informação e documentação. São hoje criadas páginas e páginas na internet com muitos erros e imprecisões, carecendo de validação e por isso a web necessitaria de pessoas credenciadas para classificar, codificar e validar a informação.”

- **Leitura nº 7 - ...representação e leitura do conto *A Biblioteca de Babel* influenciadas pelo *Nome da Rosa*: todos procuram a grande resposta...**⁸

“- Número infinito de galerias, de forma hexagonal, cujas paredes se encontram forradas de prateleiras;

- Cada prateleira extremamente preenchida com inúmeros e organizados livros;
- Cada livro contém respostas para um problema, uma dúvida, um mistério;
- O Homem, a Humanidade procura o livro certo para obter a resposta à sua dúvida;
- Todos procuram a grande resposta!
- Um ambiente introspectivo, com homens circunspectos...

Esta será a imagem da Biblioteca de Babel. Um espaço tão vasto que se perde no horizonte da nossa visão, espaço organizado, com corredores largos onde se passeiam homens à procura... De quê? De respostas para todos os mistérios da vida.

Eu questiono-me: a Biblioteca de Babel representará a unidade do saber (uma vez que comporta todos os saberes) ou pelo contrário, está lá tudo mas o homem jamais conseguirá juntar/ordenar

⁸ C L

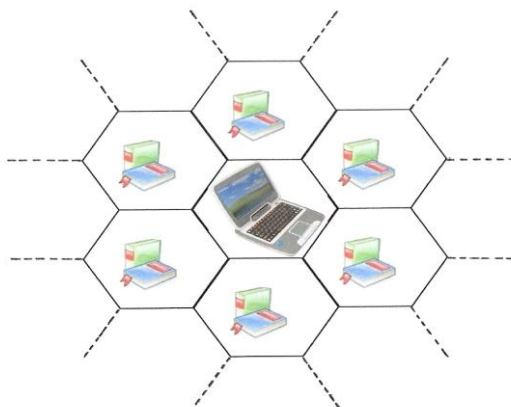
todos esses livros e escrever o grande livro que responderá ao mistério da vida/do Universo? A resposta que dará sentido à nossa existência?

Será que o Homem conseguirá encontrar o Livro Total, a Password para o saber, para Deus? Esta minha interpretação pode estar condicionada pela imagem dada pelo filme “O Nome da Rosa”.

Forma hexagonal: Torre de Babel – Zigurates – porta para o céu???

A forma hexagonal está associada ao equilíbrio, à harmonia. Representa a fonte de toda a criação, a energia primordial e, em última estância, representa o próprio homem dotado da Luz Divina que lhe foi transmitida. Se o que o Homem procura for Deus, então esta interpretação da forma hexagonal, faz sentido.”

- **Leitura nº 8 -...conto fantástico ...metáfora da Sociedade de Informação e Conhecimento onde se confunde Mundo e Literatura, supra-realidade e meta-informação...⁹**



“A ‘Biblioteca de Babel’ de Jorge Luís Borges é um conto fantástico que aborda o infinito, em que é feita uma metáfora à Sociedade da Informação, desafiando conceitos de tempo, espaço, mundo, realidade e irrealidade.

Trata-se de um conto metafísico onde se aborda uma realidade em que o mundo é constituído por uma biblioteca infinita que acolhe uma infinidade de livros. Esta biblioteca apresenta-se como uma transfiguração do mundo real para o virtual em que ao comparar o universo a uma biblioteca é apresentada a primeira referência ao mundo como repositório de informação.

Pode-se considerar que se trata de uma grande metáfora em que o mundo e a literatura se confundem, em que existe uma representação visionária da sociedade de informação da actualidade.

O autor/narrador apresenta-se como um dos muitos bibliotecários de “Babel” em que as obras retratam todas as possibilidades da realidade. Assim, é evidenciada a busca incessante por alguém que saiba decifrar as mensagens que constam dos enigmáticos volumes, que seria o correspondente a um deus.

A própria utilização do termo Babel pode traduzir algo entre a confusão e organização, poder e desprendimento, atemporalidade e finitude, incerteza e infinito. O título do conto apresenta elementos contraditórios, por um lado a “biblioteca” como elemento de centralização, e por outro “Babel” subentendido como elemento de descentralização, indo ao encontro de uma sociedade da informação, uma sociedade em rede apresentada na forma de galerias hexagonais.

Estas galerias hexagonais representam um universo de saber (simbologia do número seis, ligada a Lúcifer, o rival de Deus, pela ambição do desejo de onisciência). Neste sentido, o hexágono é visto como que um círculo imperfeito – o círculo, neste caso, simboliza o conhecimento absoluto, aquele que não tem princípio, meio ou fim. O hexágono está contido num círculo – conhecimento superior – e a dispersão do Conhecimento, formando círculos concêntricos que se sobrepõem, é o livro cíclico que compõe a totalidade do conhecimento que se assemelha a um Deus.

Apresenta-se um fantástico jogo de números e formas geométricas que se conjugam num sistema que tem tanto de influência cabalística como hermética ou pitagórica, onde se exploram os mistérios do Conhecimento e da (in)finitude do Tempo.

Esta referência aos hexágonos pode ser interpretada como um retrato da sociedade da informação que se estrutura em rede, com várias ramificações que apontam para o infinito, numa forma de comunicação de todos para todos. A possibilidade de se efectuarem ligações com todos os pontos da rede, contudo, não permite que se tenha uma visão geral do contexto que a rede assume.

Neste sentido, a analogia permite considerar que a sociedade da informação é a cultura do virtual, em que esta virtualidade é responsável pela criação de uma supra-realidade que quebra duas limitações existentes no passado: o espaço e o tempo. A superação dessas duas barreiras cria a mobilidade, uma forma ágil de preservar contra o que se constitui uma ameaça. No entanto, a mobilidade só tem valor quando se tem poder sobre os repositórios de informação, é neste sentido que o bibliotecário assume real importância na procura do conhecimento e organização.

Desta forma, a sociedade da informação pode ser subentendida como um grande repositório de informações, em que estas funcionam como uma extensão da memória, levando poder a quem sabe encontrá-las e a quem mantém uma maior proximidade das que possuem real importância.

A sociedade da informação é alienante no que concerne aos seus conteúdos existindo uma tendência natural à utilização de metalinguagens para configurar metainformações. Toda a forma de criptografia ou de regras não claras e definidas revelam uma maneira perversa de dominação em que a tecnologia também actua como meio condicionante.

Relativamente ao conceito de desordem evidente no conto, a sociedade da informação é cíclica revelando um ciclo vicioso e perverso. Por intermédio do endeusamento da virtualidade questiona-se a existência do livre-arbítrio. A ordem dominante não é apresentada claramente, pois o objectivo é manter-se indirectamente imiscuída em tudo, vigiando e controlando sem que execute uma interferência dirigida.

Finalizando pode-se subentender que a sociedade da informação procura uma outra sociedade da informação. Aquela que vemos já não nos atribui motivo de esperança, e é a esperança que dá sentido à sequência das vidas ao longo dos séculos, a Ordem da Salvação.”

- **Leitura nº 9 – ...Geometria, pintura, arte ... o centro como uma espécie de fosso... ventilação...descrição clara e justa da Biblioteca que perdurará...**¹⁰

“A imagem que escolhi para este trabalho foi um quadro célebre de Maria Helena Vieira da Silva, “Biblioteca” (1949).



Silva, “Biblioteca” (1949).

Não conhecia este trabalho que me surpreendeu pelas suas semelhanças com o conto “A Biblioteca de Babel”.

As figuras geométricas são o elemento dominante, como também se faz referência ao hexágono, na ficção. Estas figuras parecem ser livros, estantes, escadas... numa pluralidade tal que quase parecem ser infinitos.

Precisamente no centro do quadro, as imagens remetem-nos para uma espécie de fosso – um piso inferior onde se vêem muitos leitores.

“O universo (a que todos chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, cercados por parapeitos baixíssimos. De qualquer hexágono vêm-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente.”

Este número indefinido de galerias hexagonais faz-nos lembrar a colmeia, a casa segura, protectora, mas muito laboriosa. Simboliza a união aplicada, organizada que contribui para o equilíbrio, a ordem. Descrição clara e justa da Biblioteca.

A cor também é um elemento muito forte neste quadro; em particular o vermelho, símbolo do amadurecimento, do conhecimento, da vida e da imortalidade.

“Talvez me enganem a velhice e o temor, mas tenho a suspeita de que a espécie humana – a única – está prestes a extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta.”

- **Leitura nº 10 – ...isotropia...Internet rede infinita de sinapses de conhecimento... estrutura rizomática... duas bibliotecas...**¹¹

¹⁰ AMGP

¹¹ AM BG



Inspirada nas representações da ficção, um esboço de idealização.

“A Biblioteca de Babel é um conto de uma grandiosidade e beleza que despertou o meu interesse pela procura de informações de um maior número de contos do autor.

Por escassez de tempo não pude alargar a minha pesquisa para além da apresentada seguidamente. Biblioteca de Babel (no original, La biblioteca de Babel) é um conto de Jorge Luís Borges contista e bibliotecário argentino, inserido no livro Ficciones.

O porquê da escolha de Borges para representar a Biblioteca como galerias hexagonais?

No meu entender, quando Borges diz que a Biblioteca se compõe de um número indefinido e talvez infinito de galerias hexagonais, este escolheu a forma hexagonal, pelo hexágono ser das formas geométricas organizadas que mais se aproxima da isotropia.

A estrutura hexagonal é a estrutura do infinito, a estrutura em que tendem a arrumar-se as partículas quando não existem interações privilegiadas entre elas.

Dos muitos textos que encontrei na Internet (essa rede infinita de sinapses de conhecimento) acerca do conto da Biblioteca de Babel, de Borges, chamou-me a atenção e identifiquei-me com o texto de Iva Seto (School of Library and Information Studies).

Na introdução de um texto que compara o *Nome da Rosa*, de Umberto Eco com a Biblioteca de Babel de Borges, a autora sugere que este último conto é uma antecipação à estrutura rizomática e sináptica da Internet.

Organization of Knowledge and the Hyperlink: Eco's The Name of the Rose and Borges' The Library of Babel

Two vastly different libraries are represented in Eco's The Name of the Rose and Borges' "The Library of Babel". Eco's Library, conceived in the 1980's, is the center of a medieval monastery, populated by monks in the midst of a murder mystery in which the library plays an integral role. "The Library of Babel" was written many years earlier, in the 1940s, yet Borges creates a Universe-Library that embodies hyperspace: a honeycomb of infinite hexagons. The stories differ greatly in length - Eco's a 500 page monster, Borges' barely 10 - and in tone, atmosphere, and narrative voice. But aside from their differences, these texts both reveal the role of organization of knowledge and information in libraries, and they both examine the transitory nature of those related concepts, knowledge and information, that continue to change with our

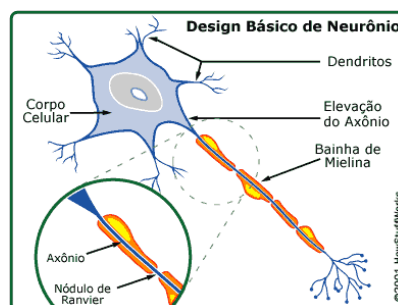
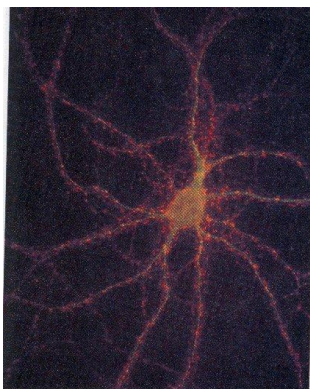
changing worldviews. The problems associated with the traditional classification schemes, represented by *The Name of the Rose*, are no longer present in the digital age with the onset of hyperlinking, while "The Library of Babel" anticipates the rhizomatic structure of the Internet.

Traduzindo:

Organização do Conhecimento e do Hyperlink: O título *The Name of the Rose* pertence a Eco e o título *The Library of Babel* pertence a Borges.

Duas Bibliotecas vastamente diferentes são representadas pelo Nome da Rosa de Eco e a Biblioteca de Babel de Borges. A Biblioteca de Eco concebida nos anos 80 é o centro de um mosteiro medieval, habitado por monges no meio de um misterioso assassinio em que a Biblioteca desempenha um papel integral. A Biblioteca de Babel foi escrita muitos anos antes, nos anos 40, e no entanto Borges cria uma Biblioteca Universo que incorpora o hiperespaço: uma colmeia de hexágonos infinitos. Os contos diferem enormemente em extensão – o de Eco sendo um monstro de 500 páginas, o de Borges mal chegando a 10 – e em tom, atmosfera e narrativa. Mas à parte das suas diferenças, ambos os textos revelam o papel da organização do conhecimento e da informação em Bibliotecas, e ambos exploram a natureza transitória daqueles conceitos interrelacionados, conhecimento e informação, que continuamente mudam consoante as mudanças das nossas visões do mundo. Os problemas associados com os esquemas tradicionais de classificação representados pelo Nome da Rosa já não existem na era digital com a activação das hiperligações, enquanto a Biblioteca de Babel antecipa a estrutura rizomática da Internet.”

- **Leitura nº 11 -... intertextualidade... universo do fantástico... infinitude... imagem bíblica... bibliotecário e biblioteca símbolos da incessante demanda de sentido... leis paradoxais... biblioteca borgeana modelo de universo cerebral a transformar num universo à medida do homem...**¹²



¹² SMSR C

“Ao lermos o conto *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luís Borges, somos confrontados com um texto ficcional que nos lança no universo do fantástico, o que é comum nas narrativas deste autor. O narrador conduz-nos numa reflexão sobre o universo que habita, identificando-o com uma biblioteca, sendo esta a verdadeira protagonista do texto. Estamos perante uma voz narrativa que se apresenta como alguém envelhecido que se prepara para morrer, concluindo a sua peregrinação ou viagem, e conformado com o regresso à sua terra natal, ou melhor ao seu “hexágono natal”. Essa primeira pessoa que nos introduz na biblioteca exprime-se num tom melancólico no seu fim de vida, meditando sobre a extensão ilimitada do seu universo, que corresponde à infinitude das combinações dos símbolos ortográficos. Esse sentimento torna-se visível logo na escolha de Borges pela citação que antecede o conto. Trata-se de uma parte de uma frase de um livro de 1673, intitulado “Anatomy of Melancholy” escrito por Richard Burton. Passamos a citar a frase completa donde foi retirada a citação para sustentar a nossa interpretação:

“By this art you may contemplate the variation of the twenty-three letters, which may be so infinitely varied, that the words complicated and deduced thence will not be contained within the compass of the firmament; (...)”

O universo do narrador é descrito como uma formação de salas que têm a forma de hexágonos, com paredes cobertas de estantes de livros. São descritos os pormenores desses espaços e os seus habitantes, que são homens “imperfeitos bibliotecários”. Alvo de análise escolhido por Umberto Eco (1989), este universo contém leis próprias de funcionamento: “O universo de Borges é um universo, em que mentes diversas, não podem deixar de pensar através das leis expressas pela Biblioteca.

Mas esta Biblioteca é de Babel. As suas leis não são as da ciência neopositivista, são leis paradoxais. A lógica (a mesma) da Mente e a do Mundo são ambas uma ilógica.”

O narrador assume-se como um bibliotecário e um viajante em busca de um sentido. Entendendo a biblioteca como total, o narrador explica a “natureza informe e caótica de quase todos os livros” visto que contêm todas as combinações possíveis dos vinte e cinco símbolos ortográficos. É referida a existência de “livros impenetráveis” que correspondem a línguas diversas, remetendo-nos de imediato para a intertextualidade com o texto bíblico. A partir do título do conto de Borges, o leitor é convidado a estabelecer um paralelismo com o relato bíblico da “Torre de Babel” (no capítulo onze do livro do Génesis). O elemento comum assenta na referência à multiplicidade de línguas. Na narrativa bíblica os homens nómadas falavam uma só língua, tendo tentado fixar-se e construindo uma cidade e uma torre. A extremidade da torre alcançaria o céu de modo a simbolizar a união dos homens. Contudo, Deus desaprovou esta

iniciativa, pois temeu que os homens se tornassem mais poderosos e fortes, procedendo a uma confusão instaurada através do surgimento de muitas línguas:

“Por isso, lhe foi dado o nome de Babel, visto ter sido lá que o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e foi também dali que o Senhor os dispersou por toda a terra.”

(Gn 11,9)

A recorrência à imagem bíblica, nomeadamente ao símbolo de Babel, sugere a ambição humana que é contrariada pela vontade de Deus. Babel representa a partir de então a multiplicidade de línguas que os homens falam. Na biblioteca total do narrador de Borges existem livros oriundos de todas as línguas. Numa tentativa de transcendência, também o simples bibliotecário do universo de Borges permanece limitado à sua humanidade. O conto que estamos a analisar, enquanto texto literário, constitui-se numa linguagem, a literatura, que tal como a matemática, representa um meio para exprimir verdades, embora não alcance a verdade existencial. A propósito lembramos a conclusão de Northrop Frye na conclusão de *Anatomy of Criticism*, onde envereda pela crítica literária sob uma perspectiva mítico-simbolista de várias obras, justifica a alusão a Babel nos seguintes termos:

“Whenever we construct a system of thought to unite earth with heaven, the story of the Tower of Babel recurs: we discover that after all we can't quite make it, and that what we have in the meantime is a plurality of languages.”

No texto de Borges a desordem, assinalada como “desordem divina”, é aparente, uma vez que a biblioteca se encontra organizada.

A vida desse universo é descrita em termos resumidos dos momentos mais marcantes, como sendo o tempo em que se acreditava que a biblioteca justificava todos os fenómenos, o tempo da depressão, o tempo do terror com as acções radicais dos purificadores e o tempo em que se defendia o “Homem do Livro” que explicaria a existência através de um “livro total”. Não podemos deixar de reparar que a totalidade da biblioteca inclui todas as épocas, demonstrando que a biblioteca abarcaria uma noção de tempo global. Neste ponto, o narrador alude à busca do “nome poderoso de um deus”, reflectindo a faceta gnóstica do próprio Borges. Tendo permanecido um intelectual humanista, Borges declarou-se gnóstico, partilhando a ideia de que o homem vive numa espécie de fantasmagoria, numa distorcida imagem da eternidade. Daí que a obra de Borges permita um vasto espectro de leituras críticas, abordando conceitos filosóficos e religiosos, simbolismos, estudos sobre a linguagem entre outros. Ao inserir-se numa tendência pós-modernista, o seu discurso exprime-se com uma poeticidade, experimentalismo, fragmentaridade, por vezes de cariz alegórico, utilizando a ironia, recursos prosódicos e tecendo uma escrita repleta de referências intertextuais, que lhe permitem inserir-se no cânone literário ocidental.

Em “A Biblioteca de Babel”, o autor procura problematizar as noções de finito e infinito através de um cenário fantástico onde o bibliotecário e a biblioteca simbolizam a incessante demanda de sentido que o assombrou ao longo da vida. Prevalece um tom melancólico da constatação da limitação humana face ao mistério da existência.

A estrutura do universo aqui concebido por Borges representa labirinticamente o infinito. De facto, um dos símbolos recorrentes na obra deste escritor é o labirinto, que neste conto nos é sugerido logo no primeiro parágrafo, ou seja, na descrição das salas hexagonais da biblioteca e das ligações entre elas. O labirinto constitui um símbolo explorado por muitos críticos, que pode ser interpretado como imagem da consciência humana, a mente humana, o próprio universo, a ideia de irracionalidade, a noção de tempo ou de espaço na nossa dimensão. No presente conto, o homem / bibliotecário encontra-se viajando num universo que é constantemente apelidado de infinito, uma preocupação que ocupa a atenção do narrador do início ao fim do texto. A aproximação da estrutura labiríntica da biblioteca à noção de infinito é evidente, apontando-nos uma possível leitura: uma reflexão sobre o dilema existencial do homem, o encontro da finitude humana com a transcendência da criação, que neste caso pode também ser a nossa inacessibilidade ao saber acumulado.

Se, por um lado, a imagem mental que criamos ao ler “A Biblioteca de Babel” consiste num mundo de hexágonos, uma estrutura semelhante aos favos de mel das colmeias de abelhas (a biblioteca, visualmente, poderia corresponder a uma imensa colmeia), por outro lado, o hexágono evoca também a forma de um neurónio, com o seu corpo celular ao centro e os seus dendritos nas extremidades. Efectivamente, os seis lados do hexágono podem ser equivalentes à imagem de um neurónio com as suas ligações nervosas conduzindo informação no seu universo cerebral.

No último parágrafo, o narrador faz notar que, os volumes da biblioteca, acabam por se repetir, numa aparente desordem, como se o nosso acesso à informação fosse, de alguma maneira, desorganizado. Esta concepção direcciona-nos para a aproximação de Borges a uma estrutura de informação, um qualquer sistema de busca de informação semelhante à internet. Tal como vários autores contemporâneos têm referido, torna-se inevitável comparar o universo da biblioteca, concebida por Borges, a um esboço da internet. Neste sentido, John F. Sowa, um teórico matemático, afirma: “In a prescient anticipation of the world wide web, Borges described people who spend their lives aimlessly searching through the rooms with the hope of finding some hidden secrets. But no matter how much truth lies buried in such a collection, it is useless without a method of organizing, evaluating, indexing, and finding the books and the theories contained in them” (Sowa, 2007, p.1).

Também o autor Christopher Rollason (2004) escreve um pequeno ensaio intitulado “Borges’ Library of Babel’ and the Internet”, onde estabelece as aproximações e divergências entre a

realidade descrita no texto de Borges e a Internet, apontando um aspecto relevante que afasta tal comparação:

“The proliferation of websites and newspapers has not descended from outer space: Borges’ library is presented as a pre-existing, immutable given, (...) but the Internet is nothing of the sort. The virtual library now evolving in cyberspace differs from any previous library – real or imaginary, Alexandria or Babel – because it is also the creation of its readers”.

Com efeito, a biblioteca idealizada por Borges, em 1941, não corresponde à verdadeira internet; aparentemente somos tentados a identificá-la mas, na verdade, ela é distinta pela expansão contínua da internet pelos seus utilizadores que são também seus criadores.

Borges antecipou uma vã ideia de internet enquanto depósito total da informação disponível no nosso universo. Num esforço de imaginação tentou ultrapassar a noção de intertextualidade, em que um texto refere outro implicitamente, para alcançar um conceito de hipertextualidade, embora ainda não digital. Contudo, a imagem da biblioteca imaginada por Borges pode ainda corresponder a outra dimensão. A estrutura hexagonal das suas salas é similar à forma dos neurónios com as suas ligações nervosas que, por sua vez, lembram a internet com os seus links. No século XX surge-nos um novo modo de aceder à produção cultural, em geral, através da nova interacção do homem com o computador, isto é, um novo interface. A inovação assenta no facto de as novas tecnologias dos *media* terem realizado e ultrapassado as ideias na concepção de obras escritas existentes. A interacção agora possível aponta para a possibilidade de um utilizador poder facilmente alterar tudo o que lhe aparece no monitor. Borges sugere neste conto uma estruturação do pensamento que se baseia numa melhor organização de dados, representação da experiência humana. Deste modo, verificamos que, hoje em dia, os modos de ler se alteraram profundamente, exigindo uma mudança de paradigma na concepção de biblioteca. Os desafios que nos são propostos abrem novas vias de acesso inovador à informação, nomeadamente no espaço da biblioteca, que deve acompanhar a caminhada do homem. Concluimos, assim este breve comentário sobre “A Biblioteca de Babel” com as palavras de Umberto Eco (1998, p. 50) “Ou seja, se a biblioteca é, como pretende Borges, um modelo do Universo, tentemos transformá-la num universo à medida do homem (...)”.

- **Leitura nº 12 - ...a biblioteca como universo infindável...o livro registo de muitos livros...o decifrar da caótica organização levará ao detentor da informação...**¹³

“No conto em análise, é referida a Biblioteca como o universo, infindável, onde existe um número sem limite de livros. Nesses livros encontra-se todo o conhecimento, toda a realidade

¹³ LP

possível, pois já foi escrito nos livros existentes, e nos que ainda vierem a ser escritos um dia, portanto estes são repetições de outros livros já existentes. Cada livro contém o registo de todas as histórias e acontecimentos dos Homens, desde sempre, por isso, mesmo que se destruam alguns livros, o conhecimento estará noutros livros. Os diversos leitores que lêem o mesmo livro, têm uma infinidade de compreensões.

Quando o autor diz "Também há letras na lombada de cada livro; estas letras não indicam nem representam o que dirão as páginas" (Borges, 1941), leva-nos a interpretar que se o conteúdo do livro não corresponde ao título presente em cada lombada, torna-se o acesso à informação difícil e demorado. Mas o poder da informação vai estar junto dos que conseguirem diminuir o tempo da procura. E quem conseguir decifrar esta caótica organização será o detentor da informação.

- **Leitura nº 13 – ...pensamento, palavra, linguagem, leitura, interpretação, possibilidades, infinito... Ordem vs Desordem**¹⁴

“Dada a multiplicidade de interpretações que o conto “A Biblioteca de Babel” nos permite, não posso afirmar que a leitura do mesmo tenha sido pacífica. Neste jogo de “descoberta de sentidos”, obriguei-me a reduzir esta experiência a duas ideias que não deixam de estar interligadas.

"No princípio era o Verbo..." (*Bíblia*, João 1:1)

“A biblioteca é a nossa reserva de saber, como um tesouro disponível. Nos sonhos a biblioteca é geralmente uma alusão aos conhecimentos intelectuais, ao saber livresco.

Entretanto, nesses sonhos encontramos às vezes um velho e misterioso livro de magia, geralmente banhado de luz, que simboliza o *conhecimento*, no sentido pleno do termo, isto é, **a experiência vivida e registada.**” (Chevalier & Gheerbrandt, 1982)

“O conto “A Biblioteca de Babel” pode ser visto como uma alegoria do nosso mundo e da importância da linguagem, enquanto meio de comunicação e, conseqüentemente, fonte de conhecimento. O aqui e agora [que inclui também o ontem e o amanhã] é comparável a uma biblioteca em que cada livro representa o conhecimento humano, súmula de toda a informação disponível, os acontecimentos, experiências e expectativas dos indivíduos ao longo dos tempos. Nesta “Biblioteca”, a palavra, presente em todos os livros, é a base de tudo e tem potencialidades ilimitadas. Todos têm acesso à informação, pois as estantes onde estão os livros

¹⁴ RMAF

“mal excede a (altura) de um bibliotecário normal”, no entanto, é necessário que alguém os decifre, pois como afirma o narrador “os livros em si nada significam” (Borges, 2003).

O sentido da vida

Considera-se uma *biblioteca viva*, a “pessoa muito erudita ou detentora de muitos conhecimentos acerca de assuntos diversos” (Borges, 2003).

Numa segunda leitura, continuei a assumir que esse universo chamado Biblioteca é a própria Humanidade, mas que cada livro poderia corresponder a cada um de nós: “*Não há, na vasta Biblioteca, dois livros idênticos*” (ibidem) da mesma forma que não há duas impressões digitais iguais. No entanto, os bibliotecários também são homens, imperfeitos, à procura de uma verdade.

Ao longo do texto, esta ideia de procura, de missão, é reiterada pelos vocábulos “luz”, “peregrinei”, “decifrar”, “solução”, “descoberta”, “mistérios”. O narrador procura o “catálogo dos catálogos”, nós a “felicidade”.

Realmente todos nós procuramos algo, todos queremos descobrir o “sentido da vida”, perceber quem somos, perceber aquilo que nos rodeia, descobrir qual o nosso papel nesta Biblioteca.

Não estarão todas as soluções que o homem (bibliotecário) procura dentro dos livros (dentro do próprio homem)? [Seria boa altura para falar de DNA e de códigos genéticos...]

Continuo a minha “teoria”:

- efectivamente cada um de nós é único e insubstituível, não obstante as imitações imperfeitas;
- é difícil dizer ou criar algo novo ou totalmente original, muitas das vezes limitamo-nos à adaptação (para não lhe chamar plágio);
- a linha que separa a fé do fanatismo consegue ser, por vezes, demasiado ténue!

Este texto riquíssimo e alvo das mais variadas leituras e estudos é, quanto a mim, a verdadeira alegoria da humanidade, onde o homem, ser imperfeito e insatisfeito, se sente impelido a encontrar o seu “sentido da vida”. Nesta senda, uns morrem sem nunca cumprir a sua tarefa, outros enlouquecem. Mais idealistas ou pragmáticos, niilistas ou místicos, todos temos um lugar nesta biblioteca “ilimitada e periódica” onde “os mesmos volumes se repetem na mesma desordem” (Borges, 1941, p. 485) ou não defendessem alguns a ideia de que a História é cíclica...

Numa revisão de conjunto destas treze leituras diferenciadas, que abstraem, na generalidade, do tempo-espaço de escrita do conto analisado, fica-se então com uma teia de percepções e representações sempre aproximativas da “Biblioteca de Babel”, tantas

as bibliotecas, quantos os pontos de vista parcelares e referências únicas dos seus distintos leitores.

Universo e eternidade futura, a biblioteca equivalente a uma grande complexidade, perdurará. Espelho colorido, ordem e enovelamento, infinitude, auto-conhecimento, biblioteca e tomada de consciência. Todos os livros possíveis e imaginários e mistérios da humanidade, a decifrar nos hexágonos infinitos da biblioteca. Colmeia e rede, a biblioteca como universo de diferentes linguagens, guardiã do conhecimento e do saber, labirinto, universo e ordem perfeita, um tempo sem tempo, conteúdos indecifráveis, paradoxo.

Todas as possibilidades, a biblioteca, espaço infinito a decodificar onde o leitor é incapaz de conhecer toda a realidade, anacronicamente alusiva à Internet, alegoria em que literatura e realidade se confundem, todos procurando a grande resposta. Metáfora da Sociedade de Informação e Conhecimento onde se mistura supra-realidade e meta-informação. Geometria, pintura, arte, o centro como uma espécie de fosso, ventilação, descrição clara e justa da Biblioteca. Isotropia, antecipação da Internet, rede infinita de sinapses de conhecimento, estrutura rizomática, duas bibliotecas. Intertextualidade, universo do fantástico, infinitude, imagem bíblica, bibliotecário e biblioteca como símbolos da incessante demanda de sentido, melancolia, leis paradoxais, biblioteca borgeana como modelo cerebral de universo infindável, a transformar num universo à medida do homem, detentor da informação.

Assim, como acabamos de ver, múltiplas são as pistas e as portas de saída que se abrem a partir deste corpus de leituras singulares, mais ou menos intensivas, assentes em pesquisas basicamente feitas na Web.

Centrar-nos-emos porém em dois argumentos que daí emergem, suscitados por uma espécie de leitura extensiva e abrangente que deliberadamente se afasta da pesquisa dos inúmeros sentidos da ficção, embora lhes não seja alheia.

3. Inevitabilidade da Leitura/Escreta. Tradutibilidade como valor incontornável

É verdade que os homens mais antigos, os primeiros bibliotecários, usavam uma linguagem bastante diferente da que falamos agora; é verdade que poucas milhas à direita a língua é dialectal e que noventa pisos mais acima é incompreensível (Borges, 1941, p. 482).

Um caso de referência que por associação de ideias aqui importa referenciar, é por exemplo uma página electrónica dedicada ao autor argentino, Jorge Luís Borges, supostamente da responsabilidade de dois professores da Universidade de Aarhus, na Dinamarca (www.hum.au.dk/romansk/borges), onde surgem, juntamente com os textos do escritor, e sem qualquer tipo de diferenciação, outros textos (hipertextos) resultantes da manipulação dos originais pela comunidade cibernática. Esta autêntica «Torre de Babel» da escrita ou «Biblioteca de Babel» segundo a visionária expressão de Borges, constitui uma matéria sensível, sem dúvida merecedora de ampla reflexão, para além de permitir evidenciar o potencial das novas tecnologias de informação no desenvolvimento, pesquisa e aprendizagem das ciências humanas, especialmente na área da leitura, da literatura, das bibliotecas, da documentação e da informação.

Partindo de uma perspectiva de leitura situada na actual sociedade da informação e conhecimento, escolhida entre muitas outras, também possíveis do conto borgeano em análise, escrito talvez sob influência da Biblioteca Nacional da Argentina em que o escritor era bibliotecário e de que chegou a ser director, reactualizamos um debate polifónico, porventura mais subtil e susceptível de equívocos, por isso carecendo de maior reflexão, que, incessantemente, o mesmo tem suscitado, sobre as novas tecnologias da informação e comunicação e sua relação com a qualidade de aprendizagem no ensino superior, considerando em especial a importância da leitura/escrita na assimilação de conhecimentos.

A aprendizagem no ensino superior continua a ser um acto em grande medida solitário em que cumpre facultar aos alunos as melhores condições para que possam realizá-la, com sucesso, num processo individual, construindo, num diálogo constante com diferentes concepções de autores, escolas, movimentos, um conhecimento crítico, actual e integrado em redes pluridireccionais.

Ensino/aprendizagem e investigação no quadro do ensino universitário deverá integrar a inevitabilidade da leitura como mecanismo operativo essencial à produção de conhecimento dos objectos de estudo, em profundo processo de renovação dos paradigmas científicos, e assentar em dois pressupostos básicos, nem sempre consensuais:

1. A metodologia do ensino de uma determinada disciplina deve estar sintonizada com os pressupostos epistemológicos que conduzem à formação do seu conhecimento;
2. A aprendizagem (assimilação crítica), numa determinada disciplina, deve ter como corolário a capacidade, por parte do aluno, de contribuir para o desenvolvimento gnoseológico da mesma (investigação) (Costa, 2001).

É impossível conceber-se qualquer projecto epistemológico e epistémico fora da linguagem, pelo que a leitura e a escrita se constituem como os elementos chave da sua configuração, sendo ainda, no âmbito da leitura em profunda revolução, que as novas tecnologias da informação e da comunicação emergem como um potencial de aplicação na aprendizagem ao nível do ensino superior, donde, tendencialmente, desaparece o *magister dixit*, prática oriunda do modo de reprodução do antigo pensamento de Pitágoras.

Todos os sectores da sociedade partilham, actualmente, um denominador comum: o regresso definitivo da leitura escrita sob novas formas, igualmente essenciais à definição, estruturação e disseminação dos conhecimentos. A capacidade de leitura e escrita tornou-se uma condição intransponível para qualquer adulto, criança ou jovem que queira navegar no ciberespaço, mesmo que só para desfrutar da dimensão lúdica.

Acompanhar o enorme desenvolvimento da complexa infraestrutura da informação, hoje disponível, e rentabilizar o aproveitamento de novas leituras das novas tecnologias da informação, requisitos de um novo paradigma de educação, é uma forma de se combater, com eficácia, alguns dos problemas que dificultam a aprendizagem dos alunos e atingir, como objectivo plausível, qualidade e sucesso do ensino/aprendizagem indissociável também da investigação e do poder das bibliotecas.

Num mundo globalizado também pelos múltiplos impactos das novas tecnologias da informação e comunicação e da revolução digital em curso, a *tradutibilidade*, representada de certo modo na bíblica “Torre de Babel”, matriz literária referencial básica de “A Biblioteca de Babel” de Borges, mais do que na *traduzibilidade* em que há sempre um fundo de *intraduzibilidade*, é o valor incontornável, solidariedade entre os seres vivos e não só entre os humanos.

Todas as línguas, como todas as pessoas são idiomáticas, singulares, e nessa medida, intraduzíveis. No entanto, há um fundo comum deles onde é possível fazer a experiência no idiomático de uma língua, paralela à experiência do idiomático noutra língua.

Esta noção que se encerra na *tradutibilidade* sempre foi e é, hoje ainda, essencial à educação pela via da leitura-escrita.

4. REVISITANDO (AINDA) A BIBLIOTECA

...A multiforme biblioteca... é total...as suas estantes registam todas as possíveis combinações... tudo o que nos é dado exprimir: em todos os idiomas. Tudo: a história minuciosa do futuro... a biblioteca é pão ou pirâmide ou outra coisa qualquer...a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta... A Biblioteca é ilimitada e periódica... (Borges, 1941, p. 485).

Desde sempre que, falar de bibliotecas é falar, a montante, de colecções, organização técnica, serviços e comodidades físicas oferecidas aos utilizadores, e, no *front office*, de sua missão educativa, gestão democrática de conhecimentos, ensino, aprendizagens diversificadas e pesquisa pelos livros, documentos e suas actividades culturais e pedagógicas. Na presente mudança de paradigmas da educação e do conhecimento, a sua relevância cresce exponencialmente com novos papéis e enfoques múltiplos na formação de comportamentos informacionais e práticas literácicas orientadas para outras direcções. Em termos de missão, colecções, administração, organização técnica e imagem, liderança e administração, “desinstitucionalizam”- se, progressivamente, no sentido de actuar em qualquer ambiente ligado à informação. Contribuindo para anular a brecha digital, os novos modelos de bibliotecas desenvolvem redes e áreas para todos os tipos de fontes provedoras de conhecimento, com o apoio dos bibliotecários de referência, “decifradores ambulantes” (Borges, 1941) mediadores culturais, facilitadores da comunicação e especialistas em serviços de informação, especializados no desenvolvimento de "projectos em grupos" de crescente flexibilidade e atenção à mudança e inovação, disseminando-se nas comunidades de utilizadores com um papel cada vez mais de *gateway* ou *gatekeeper*, isto é, guias e orientadores, engenheiros de hipertextos, interpretando meios e formas de acesso à informação e entrada nos portais do conhecimento (novidades tecnológicas dos hipertextos da Web, como, por exemplo, os agentes inteligentes, os *knowbots*, softwares capazes de automaticamente detectar necessidades para oferecer meios de recuperação de todas as referências, quiosques

públicos, quais microbibliotecas, bases de dados, arquivos e produções digitais, etc.). Os workspaces, espaços onde se consultam recursos existentes e se fazem pausas para estudo e reflexão, são cada vez mais estações de trabalho, salas para uso e participação em função de perfis de informação, hologramas, neons, laser, conferências, videotexto, teletexto, telecópia, empréstimo, núcleos de recuperação da informação, exposições e demonstrações, locais para audiovisuais, diapositivos, cd's; equipas de trabalho etc. Os *staffs*, cada vez menores atendem os interessados da rede, monitorando buscas, quer nas suas estações de trabalho, campus, lares e residências universitárias, escritórios e domicílios. A itinerância torna-se uma característica dos novos bibliotecários que se especializam em determinadas áreas e vão junto dos utilizadores interessados na sua ajuda, para melhor descobrir suas necessidades e interesses, em interação constante com a comunidade, estudantes, docentes e investigadores, conhecendo, portanto, mais de perto, ambientes, metodologias e estratégias. Desenvolvem novas ferramentas especiais de informação para facilitar a navegação em rede e utilizam os mais recentes e apropriados softwares e tipos de artefactos electrónicos, media (correio electrónico, BBS, listas de discussão, etc.), conforme os perfis de interesse dos utilizadores que se diferenciam à medida que crescem as redes e suas funções, os programas inteligentes de informação. A ênfase recai nos direitos de propriedade intelectual e sua relação com a biblioteca, sendo necessário tratar de acordos, licenças, autorizações e remuneração, inscrição de utilizadores em máquinas específicas e sistemas de informação para uso de certos tipos de materiais e do tempo prefixado para tal, exceptuando, em geral, material de domínio público, *preprints*, documentos substitutos (*surrogates*) e outros, sob monitoragem do serviço de referência, serão liberados para uso de estudantes, professores e investigadores (Drabenstott, 1997).

A actual mudança de paradigma das bibliotecas (da tradicional custódia e acumulação dos materiais, memórias e saberes, ao acesso amplo à informação via redes electrónicas) torna-as parecidas com uma espécie de bagagem cheia de diferentes produtos, porções de materiais impressos e artefactos digitais, muitos mais canais de disseminação da informação, quais galerias que ligam os hexágonos da biblioteca borgeana, vastas colecções electrónicas e digitais em servidores para utilizadores finais que continuarão a ter conhecimento desses materiais nas bases de dados, pesquisando índices e resumos,

citações em publicações, ou ainda por intermédio de colegas e outras vias, preferindo cópias para uso próprio e distribuição, a despeito das questões dos direitos de autor.

Sendo certo que, como observou Jacques Derrida “Dizer, hoje em dia, adeus ao livro e ao papel, seria um pouco como se resolvêssemos não falar mais, apenas porque sabemos escrever...” (cit.por Furtado, 2000, p. 435).

Conclusão

Da biblioteca borgeana de indecíveis, passando por uma leitura plural e prismática, “um texto tecido de vozes”, até à presente biblioteca digital, a preocupação que perpassa neste artigo, é a de um ensino que conduza à investigação, suportando-se nas novas tecnologias de informação e comunicação, na rede das redes, a Internet, o maior fenómeno mediático do séc. XX, surgido na década de 1960, e “acima de tudo uma criação cultural” (Castells, 1999), como alguns crêem, simbolicamente sugerida por Jorge Luís Borges, no início da década de 1940, em “A Biblioteca de Babel”, alegoria e conto fantástico explorado em ambiente de aula, como experimentação da animação do texto e dinamização de leituras e bibliotecas.

É de urgência e universalidade, o novo senso que emerge face às mudanças existentes no actual quadro de acessos à informação pelas redes electrónicas e colecções enciclopédicas digitais, poderosa infraestrutura informacional de apoio à aprendizagem e investigação. Por isso se torna intransponível, reflectir, em ambiente de ensino e formação, sobre valores, atitudes e paradigmas específicos que identifiquem as áreas de Educação e Bibliotecas, sendo a palavra mágica, a criação em diálogo e abertura, o ligar-se aos outros actores do contexto, colaboradores e parceiros, para, em conjunto, se pensarem os processos e as soluções e se poderem gerar mecanismos, produtos e serviços especiais e criativos.

A braços com as mudanças de paradigma de educação, bibliotecas e conhecimento, a universidade é impelida a questionar e revolucionar os seus programas, operando uma revisão radical de conteúdos curriculares e métodos, integrando transversal e definitivamente o binómio ensino-investigação, sem deixar de cumprir a função social de preparar especialistas em informação e comunicação, cultos e capazes de desempenhar-se em diferentes ambientes técnico-científicos, agentes de mudança de

equipas, projectos e grupos de investigação interdisciplinar, investigadores com sólidos alicerces teóricos, críticos, reflexivos e inovadores.

Semelhantes preocupações perpassaram a realização do trabalho aqui apresentado, sobre promoção e animação da leitura cujo principal resultado se traduziu numa leitura/escrita prismática, singular e plural, a partir de um fundo de intraduzibilidade. Essa leitura de conjunto, configurada enquanto experiência incontornável de tradutibilidade, abre para um processo de investigação que tendo em conta essa tradutibilidade geral, supõe uma reestruturação profunda das escolas e cursos de formação sobre bibliotecas e educação, no que se refere por exemplo à inevitabilidade da leitura/escrita, prática cultural imediata, e talvez o resultado universalmente mais partilhado da aprendizagem escolar (Chartier, 2003).

Todavia, questionar essas representações comuns, princípio de pesquisa que tem ocupado vários estudiosos no campo da sócio-história e dos estudos da cultura, especialmente desde a década de 1980, apresenta-se-nos ainda como uma área promissora e estimulante de investigação no campo das Práticas de Leitura e Bibliotecas, desde os níveis mais elementares de ensino-aprendizagem, até ao Ensino Universitário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bettelheim, B. (1998). *Psicanálise dos Contos de Fadas* (6.^a ed.). Lisboa: Bertrand Editora.
- Barthes, R. (1973) *Análise estrutural da Narrativa*. (3.^aed.). Petrópolis: Vozes
- Borges, J. L. (1989). *Obras Completas, 1923-1972*. (vol. I). Buenos Aires, Emecé.
- Borges, J. L. (1990). *Obras Completas, 1975-1985* (vol. II). Buenos Aires, Emecé.
- Borges, J. L. (2003). *Ficções*. Porto: Mediasat. (Coleção Mil Folhas).
- Burton, R. (2001). *Anatomy of Melancholy*. New York: The New York Review of Books.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. (6.^aedição). São Paulo: Paz e Terra
- Chartier, R. (dir). (2003). *Pratiques de la Lecture*. Paris: Ed. Payot & Rivages
- Chevalier, J., & Gheerbrandt, A. (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema
- Derrida, J. (1997). Le papier et moi, vous savez... (nouvelles spéculations sur un luxe des pauvres), *Les Cahiers de Médiologie*, 4, 31-43.

Drabenstott, K.M., Burman, C.M. (1997). Revisão analítica da biblioteca do futuro, *Ci. Inf.*, 2, 26-33.

Eco, U. *L'opinione di Umberto Eco*. [Disponível em <http://www.feltrinelli.it/effe/frame-eff/articoli/eco.html> , consultado em 13 de Janeiro de 2010].

Eco, U. *From Internet to Gutenberg*. [Disponível em <http://www.columbia.edu/cu/csaitaliana/internet.htm>, consultado em 12 de Janeiro de 2010].

Eco, U. (1989). *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Lisboa: Difel.

Eco, U. (1998). *A Biblioteca*. Lisboa: Difel.

Fonseca, F. I. (org). (1994). *Pedagogia da Escrita. Perspectivas*. Porto: Porto Editora.

Frye, N. (1990). *Anatomy of Criticism*. London: Penguin Books.

Furtado, J. A. (2000). *Os livros e as leituras. Novas ecologias de informação*. Lisboa: Livros e Leituras.

Guimarães, R. (2008). Jorge Luís Borges e Maurice Blanchot: Os pharmakós da escritura, *Acta Literária*, 37, 97-109.

Henn, G. (2007). Visita orientada à Biblioteca de Babel de Borges. [Disponível em <http://extralibris.org/2007/05/visitada-orientada-a-biblioteca-da-babel/>, consultado em 18 Janeiro, 2010].

Levy, P. (1990). *Les technologies de l'intelligence*. Paris: La Découverte.

Rollason, C. (2004). Borges's "Library of Babel" ant the Internet. *Indian Journal of World Literature and Culture*, 1, 117-120.

Sarlo, B. (2008). *Jorge Luís Borges um escritor na periferia* – [Disponível em <http://books.google.pt/books?id=RW>, consultado em 18 de Janeiro de 2010].

Sowa, J. F. *Processes and Causality*. [Disponível em <http://www.users.bestweb.net/~sowa/ontology/causal.html>, consultado em 12 Janeiro, 2010].

Virgil, J. (2007). *A Biblioteca de Babel: uma metáfora para a sociedade da informação*. [Disponível em http://www.datagramazero.org.br/ago07/Art_04.htm, consultado em 18 Janeiro, 2010].